



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

JACQUELINE LOUISE CRUZ SILVA

(JACKIE SILVA)

(depoimento)

2015

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Jacqueline Louise Cruz Silva (Jackie Silva)

Entrevistador: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Gávea, Rio de Janeiro, RJ

Data da entrevista: 17/10/2014

Processamento da Entrevista: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Páginas Digitadas: 14 páginas

Número da entrevista: E-567

Data da autorização para publicação no Repositório: 17/10/2014

Revisão para inserção no Repositório: Isabela Lisboa Berté e Silvana Vilodre Goellner

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

SUMÁRIO

Iniciação no esporte; Trajetória esportiva; Geração do vôlei da década de 1980; Apoio da família; Articulação entre carreira e vida pessoal; Percepções em torno do corpo atlético; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Influência da geração de 1980 para o vôlei brasileiro; Legado do vôlei na sua vida.

M.T. – Jacqueline, o que te levou ao voleibol?

J.S. – Olha, eu frequentava a praia durante os finais de semana com meus pais e nós íamos à praia de Copacabana. O meu pai gostava muito de jogar vôlei e a minha mãe também. Eu brincava com as crianças e a brincadeira era jogar voleibol.

M.T. – E você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

J.S. – Não, que eu me lembre, não. Inclusive, eu adorava jogar voleibol. Eu jogava direitinho, desde pequenininha [risos].

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

J.S. – Na realidade eu comecei na escola, no Colégio Notre Dame e depois eu fui para o Flamengo e em clube mesmo eu só estive no Flamengo, desde 1972.

M.T. – Com quem você começou a jogar voleibol?

J.S. – Enio Figueiredo que depois foi técnico da seleção brasileira, da seleção carioca. Foi uma pessoa que também trabalhou muito para o crescimento do esporte.

M.T. – E como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta, Jackie?

J.S. – O que eu vejo nessa época é que eu era muito jovem, muito garota. Então, o esporte era praticamente um esporte mesmo, não era como hoje, a máquina que tem por trás, com toda a profissionalização. Então, a gente seguia aquelas coisas básicas: entrava na escolinha, no mirim, depois ia para o infantil, o infante, sem maiores pretensões a não ser de vencer o campeonato. Então, a ideia que eu tenho era sempre de um grupo muito unido, de uma equipe que cresceu junta dentro do mesmo clube, de pessoas com um afeto muito grande, uma coisa de camisa, de bandeira muito forte. Não tinham outras questões como tem hoje, materiais, de dinheiro.

M.T. – Descreva sua trajetória esportiva. Desde o momento que você começou a jogar até o momento de parar.

J.S. – Aff! Eu comecei a jogar voleibol na praia de Copacabana. Eu estudava no Colégio Notre Dame que, por coincidência, o Enio Figueiredo, esse que nos levou para o clube e depois para a seleção, também era o técnico da escola. Por coincidência também, nessa escola estudavam outras jogadoras, inclusive a Isabel. De lá eu fui chamada junto com outras jogadoras para formar uma equipe dentro do Flamengo e no Flamengo começamos a trabalhar desde o mirim até eu chegar como jogadora adulta. Sendo jogadora do Flamengo eu fui convocada para a seleção carioca e seleção brasileira. Em determinado momento fui jogar na Itália, por dois anos. Antes de ir para a praia eu joguei duas Olimpíadas, Moscou e Los Angeles. Passei pela primeira equipe de empresa que foi criada, a Supergasbrás. Depois disso eu passei pela Recra, de Ribeirão Preto, com Fernanda Venturini. Foi dali que surgiu Fernanda Venturini, nessa equipe. Em 1985, 1986 eu fui para os Estados Unidos para começar a jogar voleibol de praia, em 1996 eu fui campeã olímpica de voleibol de praia, nossa é muita coisa (risos). Fui campeã pan-americana, em 1979, acho que em Porto Rico, não vou conseguir lembrar de tudo... Aí depois de 1996, teve Atleta do ano em 1997, no Brasil. Depois teve o Hall da Fama, que eu não lembro quando foi. Depois teve o prêmio de Embaixadora da UNESCO, em 2008 e o resto eu não lembro [risos].

M.T. – E por quais clubes você jogou?

J.S. – Além do Flamengo teve a Supergasbrás, a Recra, de Ribeirão Preto. Joguei por um time da Itália chamado Chivi Chivi, em Modena. Acho que a Rio Forte. Depois da praia eu joguei na Atlantictur, um time fortíssimo, cheio de dinheiro, mas que também não resistiu.

M.T. – E quais pessoas foram importantes para a consolidação da sua carreira?

J.S. – Tiveram fases. O Enio Figueiredo, com quem eu comecei a jogar e depois foi técnico da seleção, então teve uma história muito grande com ele. Mas, tiveram altos e baixos, coisas boas e coisas ruins, sabe? Mas, sem dúvida alguma, ele foi uma pessoa muito importante nessa passagem. Teve o Ramon, que era o auxiliar dele, que também foi um cara que ajudou muito, já que ele pegava as categorias de base. É que eu era mirim, mas jogava no adulto. Então, ele foi um técnico que chamou muita atenção. Depois o que mais me marcou mesmo foi o último técnico, nos Estados Unidos, que me ajudou a conquistar a medalha olímpica, Net Zarth.

M.T. – No voleibol, quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta você considera importantes?

J.S. – Toda aquela geração foi muito importante, tanto dos homens quanto das mulheres, até porque ali existia uma transição. Era um esporte amador, todos nós começamos como atletas amadores e no decorrer da nossa vivência, que não era nem carreira, porque não tinha carreira, começou a mudança do amadorismo para o profissionalismo, com a entrada dos clubes-empresa. Então, isso foi um fato muito marcante para a nossa geração. Além disso, o Nuzman quis imprimir uma marca, uma administração. Como o voleibol era o negócio que ele sabia fazer, teve um desenvolvimento muito grande. Então, foi um esporte que teve um desenvolvimento muito grande naquele período: primeira equipe a participar de uma Olimpíada, primeira equipe a entrar em Cuba, o nível de campeonatos internacionais, o início dos intercâmbios. Foi a semente de tudo que acontece hoje. Apesar de antes da gente, o Brasil ter tido outros grandes atletas, foi a partir daquelas conquistas que a gente começou a ver que o voleibol do Brasil estava no caminho certo.

M.T. – Quando você fala da transição do amadorismo para o profissionalismo, como você avalia a sua participação nesse processo?

J.S. – Olha, como era uma transição, os atletas não tinham muita informação. Não foi uma coisa que estava explicada. Foi acontecendo aos poucos, as pessoas iam descobrindo: “Eram algumas coisas dentro da lei, outras fora da lei, era contra, a favor, enfim, não tinha...”. Então, algumas coisas precisaram ser conquistadas na batalha mesmo. E nesse percurso, o meu papel, ainda que eu não tivesse feito nada com aquela intenção, foi muito marcante. Dentro da parte interna do voleibol feminino havia um questionamento muito grande de como aquilo funcionava, já que parecia que tinha um lado sendo mais beneficiado do que o outro. E como isso não chegava na gente existia sempre essa questão. E talvez eu tenha sido a pessoa que tenha questionado mais: “Se tinha para um lado por que não existia para o outro”. Que tipo de posicionamento a gente estava tomando. Isso causou muita confusão, houve um desgaste muito grande da minha pessoa, até porque naquela época existia um comando muito austero. Mas, eu sei que desse episódio para o futuro, para os que vieram depois disso as portas estavam super abertas. Eu estou falando isso porque outro dia eu escutei uma entrevista de pessoas que vieram depois dizendo que pô, aquilo ali foi...

M.T. – Mas, você não tem consciência da sua participação, do seu posicionamento?

J.S. – Eu tenho consciência, mas eu não usufruí dela, entendeu? A consciência eu tenho. Mas, na época da confusão mesmo você vai entrando, vai entrando, vai entrando e depois não tem mais volta, entendeu? Então, eu fui questionando, questionando, questionando e a direção era bem rígida e então era assim: “Corta, elimina”. E todo mundo vai ficando como está e ela vai ser eliminada. Todo mundo acha que eu não vejo. É lógico que eu vejo. É que graças a Deus eu consegui ver uma coisa melhor, porque a minha situação ficou muito ruim, entendeu? Muito ruim mesmo. É porque eu consegui fazer do limão a limonada. Talvez se não tivesse acontecido aquilo, eu não tivesse chegado aos Estados Unidos e não tivesse me transformado na campeã olímpica. Por isso hoje para mim é mole falar: “Eu fui seguir a vida e graças a Deus as coisas deram certo”. Mas, da maneira que aconteceu era para ter acabado mesmo.

M.T. – No voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de 1980, que você considera importantes?

J.S. – Teve a medalha de prata do masculino, nas Olimpíadas de 1984, que foi muito importante. Por parte do feminino, tinha uma imagem muito especial daquela equipe feminina. Ainda não existia um esporte coletivo feminino carismático e aquele grupo trouxe uma imagem diferente. E eu acho que aquilo foi uma coisa legal. Até então era só futebol, muito futebol [risos]. E de repente veio essa imagem e trouxe toda uma coisa... Como era muito futebol e aquele tipo do jogador de futebol, de repente teve uma imagem de meninas, de meninas mães, de meninas que faziam filmes, que era a Vera Mossa, de meninas que andavam pelo Posto Nove, que tinham opinião. Eram pessoas, também atletas. Existia uma forma de pensar. Tinha um pensamento aquela história ali. Isso era muito importante. Então a medalha de prata dos meninos trouxe muito sucesso para o voleibol. Foi um sucesso muito grande. Nossas histórias vinham mais por outros lados. A gente tinha algumas conquistas, mas nada assim... Teve o Mundialito, mas foi uma coisa isolada. Foi bom pra caramba, mas “a gente “cagava” muito”. Deu uma levantada e logo depois veio o mundial e “a gente se ferrou” [risos], a gente meio que “cagava” na hora de decidir. Faltava muita psicologia, O nosso treinador, o Enio era muito despreparado. Era muito amador, as circunstâncias eram totalmente amadoras. Tinha boas atletas, mas ao mesmo tempo “uma tinha filho, a outra estava separando do marido. Era uma confusão...”. E o Enio também não era das melhores pessoas [risos] para comandar aquela zona, entendeu? Sabe quando a pessoa não consegue,

“ele puxava errado, soltava errado”. Não era culpa dele, ele simplesmente não sabia. Ele me repreendeu várias vezes, ele me cortou uma cacetada de vezes e nada adiantava porque só provocava raiva. Então ele não era o cara mais indicado [risos] e tinha nas mãos pessoas fortes, não era qualquer coisa que ele falava que as pessoas iriam aceitar, rolava o maior tititi. Mas, isso talvez tenha sido a coisa que mais chamou a atenção daquela geração. Hoje, tem esse time que é bicampeão olímpico, que teve muito mais resultados que o nosso e que você não conhece as pessoas desse grupo. Você não consegue saber quem são as pessoas, o que pensam, que tipo de ideias possuem. Ninguém fala nada, entendeu? Parece um pouco o Brasil. O Brasil é um pouco isso. Falta as pessoas se colocarem mais, serem mais expressivas. Parece que todo mundo tem medo de alguma situação, medo de perder o emprego, medo de perder o patrocínio, eu não sei exatamente o que é. Mas, falta articular, saber falar. Eu penso muito nisso e não acontece só no voleibol, mas em todos os esportes.

M.T. – Qual episódio marcou a sua carreira na década de oitenta?

J.S. – Ah, deve ter sido esse do corte, da virada de camisa, com certeza.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou na década de oitenta?

J.S. – Dentro da minha vontade de ser uma boa jogadora, de querer ser uma campeã olímpica, apesar de saber que ser campeã olímpica ali ia custar muito. Eu queria sair de casa, alugar meu apartamento... Você olhava para aquela situação ali e falava: “Como é que a gente vai sair desse mato aqui?” [risos]. Mas, isso não era uma coisa que me tirava o sono. Na época todas nós tínhamos uma situação financeira, porque quem não tinha não estaria ali. Sempre tinha um pai ou uma mãe dando apoio, com certeza. Mas, aos poucos, mesmo ainda não sendo profissional, aconteciam algumas coisas que faziam a gente acreditar que a situação ia mudar. A diferença que eu sinto é que as coisas eram mais naturais. Tinha um papo que rolava dentro do nosso grupo: “Você fica jogando vôlei, jogando vôlei, jogando vôlei e aí de repente você já está dez anos jogando vôlei e naturalmente você para de estudar, porque não tem como”. Você pergunta: “E aí?”. Mas não era uma coisa que tirava o nosso sono, entendeu? Como as coisas davam muito certo de uma certa maneira, éramos vencedoras dentro do nosso mundinho, não era o mundo internacional, parecia que as coisas fluíram bem e acabou que fluiu mesmo. Daquela geração dos anos oitenta, quem tinha que vingar mesmo,

quem botou fé, vingou. Fecharam contrato com a Itália, aconteceram. Quem não foi é que não tinha que ter ido mesmo.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para a sua vida?

J.S. – Ah, tudo. A base. Eu vejo o voleibol como uma coisa muito sólida, concreta e que me posiciona até hoje. Tem atleta que fez vinte anos de carreira de voleibol, a Lica, depois se tornou atriz, né? A Dora também. O esporte deu base para que essas pessoas chegassem a outro lugar, porque teve muita disciplina, muito foco, principalmente essas que trocaram de emprego. Quando você deixa de ser atleta você vai se tornar outra coisa. É uma hora difícil, mas é uma hora que chega. Eu acho que eu briguei pouco por isso porque eu, mesmo jogando, eu montei uma escolinha de vôlei. Eu sempre gostei de ensinar, sempre estive envolvida com o esporte fora da quadra, então, essa transição para mim foi uma coisa muito natural. Mas é muito dolorido porque você não aprende e eles não te ensinam o que fazer depois, isso era uma coisa que devia fazer parte do currículo. Eles só ensinam o cara a ficar ali batendo bola e deviam preparar a cabeça do cara também.

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

J.S. – Dos três? Tiveram sensações diferentes. O primeiro, em 1980, parecia que Olimpíada era uma coisa tão longe, mas tão longe... A televisão com aquela corzinha meio desbotada e o ursinho¹ ali. Aquilo ali, só de estar lá, não precisava nem fazer nada e foi mais ou menos isso que nós fizemos lá também. [risos] Só de ir e “ficar de kikiki, kákáká” já estava de bom tamanho [risos]. Aí, em 1984, já botaram na nossa cabeça que aquilo era possível, já teve todo um “approach” diferente. Mas, pecou naquela falta de psicologia que eu te falei. Tivemos até a oportunidade, só faltou a gente acreditar porque foi provado que a gente podia. Ficamos em São José dos Campos um tempão, era tudo meio desnecessário “aff”, era tudo muito mais ligado no sofrimento, sacou? Você tem ideia do que é ficar quatro meses em São José dos Campos, num lugar sem atrativos, acho que não tinha nem piscina, eu acho, não me lembro de nada, cara. O quarto horrível, deprimente, tudo em cimento. Não, nada a falar, sabe? Mas, você está chuva é para se molhar. Então, você passa o tempo todo querendo fugir de uma situação. Em vez de estar com a cabeça querendo ir para um lugar, você ia para o outro e não

¹ Ursinho Micha, mascote da Olimpíada de Moscou.

fazia sentido. E não tinha uma preparação psicológica e quando chega o momento em que todo o sacrifício era para justificar a vitória, parecia que não tinha objetivo. Então a gente começou super bem, metemos dois sets a zero e “vamos, vamos, vamos”. Mas chegou a hora do teste: “É isso mesmo que vocês querem?”. Dois sets a um. Novamente: “É isso mesmo que vocês querem, têm certeza?”. Dois sets a dois e como não teve preparação para segurar a vitória, a gente acabou perdendo. A cabeça não foi trabalhada para segurar o rojão. O coletivo é muito mais difícil [risos], juntar as peças todas. Essa equipe pecava muito, tinha muitos grupinhos. Eu posso falar que eu sabia quem era o meu grupinho e sabia quem não era meu grupinho. Nessa hora ou todo mundo se junta e vai embora ou já era. Mas aí vem à tona todo aquele processo de São José dos Campos, quatro meses, estrutura ruim e cada uma tendo que fazer por si ou pelo seu grupo. “Ah, só tem um voo pra ir pro Rio de Janeiro, quem chegar primeiro no avião é que vai pro Rio, o restante vai ter que esperar o próximo”. Aí, era um puxa tapete daqui e dali... Pergunta quem eram as duas que já estavam lá no aeroporto para ir no primeiro avião? [risos]. “Quando falavam já estavam as duas lá, eu e Isabel...” [risos]. Aí falavam: “Tão se dando bem, hein? Tão se dando bem”. Tinham umas concorrências grandes dentro do grupo. Então, na hora do vamos ver, que precisou da união, da força, faltou. Com o passar do tempo, essas coisas me deram experiência para ganhar a Olimpíada na praia. Eu já jogava há oito anos nos Estados Unidos e escolhi a Sandra para jogar a Olimpíada de Atlanta, em 1994. Ela tinha dez anos a menos do que eu, mas nós tínhamos muitos problemas. Ela tinha um lado muito bom, já que ela era uma atleta muito “Caxias”, mas mesmo sem experiência, ela era uma pessoa muito difícil, uma cabeça muito dura, implicante. Mas, eu acho que aquela experiência lá de trás me fez chegar aonde eu cheguei. Eu só lembrava do que tinha acontecido e queria fazer diferente. Foi importante aquela derrota. Apesar dela ter uma resistência muito grande, eu sempre puxava ela pro meu lado e as coisas andavam mais ou menos como eu achava que tinha que andar. Eu tinha mais experiência e os caminhos deram certo, as escolhas foram boas.

M.T. – O que você almejava como jogadora de seleção brasileira?

J.S. – Quando você não é seleção brasileira, você almeja chegar à seleção brasileira. Quando você está lá você almeja ser a melhor jogadora do campeonato, a melhor jogadora em quadra. Você quer ganhar o campeonato x, chegar a uma Olimpíada, enfim, você fica almejando as coisas que você acha que são possíveis. Eu recebia prêmios individuais, mas não era intencional. Eu jogava para ser a melhor, mas eu gostava muito de aprender. Eu admirava as

levantadoras japonesas e chinesas, eu puxava sempre pro “top de linha” e eu levei essa mania para a praia também. Eu fui atrás de quem conhecia técnica. Eu queria que a minha técnica fosse exemplar. E gostava de ver o Bernard jogar, achava ele super técnico e depois treinava aquilo que eu ficava vendo. Eu era muito mais aplicada que a Isabel. A Isabel era muito mais rebelde do que eu. Eu nesse lado aí eu era super “Caxias”, eu treinava pra cacete, sempre treinei muito. Porque eu achava que tinha uma diferença e eu achava que eu tinha essa diferença. Eu sabia que no meio daquele grupo todo, eu tinha um toque diferente, eu tinha um potencial para ser desenvolvido e eu apostava naquilo forte, fazia por onde.

M.T. – Como foi para você conciliar as demandas do voleibol com a sua vida pessoal?

J.S. – Ah, se eu tivesse que fazer voleibol, eu fazia voleibol. Era prioridade. Se eu tivesse que ir para a Itália, eu ia para a Itália. Se tivesse que morar nos Estados Unidos, eu morava. Era muito forte, era a minha essência. Se eu não fizesse é que não ia ser legal. Hoje, a Jaqueline, que tá sem jogar, recusou seiscentos mil dólares para jogar seis meses no Japão. Aí eu fiquei pensando: “A Isabel foi para o Japão com papagaio, cachorro, empregada, dois filhos e babá”. Mas, a babá não era pros filhos não, era para a Isabel [risos]. Imagina só a situação de hoje, que elas só viajam de primeira classe. Ninguém sabe de nada...

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sob o seu corpo atlético?

I.S. – Era bem diferente. Hoje elas são bem maiores. Isabel e Vera Mossa eram as maiores, com mais de um metro e oitenta. Eu me achava meio gordinha. Na praia é que eu fiquei bem mais forte. Eu achava aquela roupa bem mais legal, adorava o uniforme. O uniforme era uma coisa muito conquistadora. Eu tinha uma amiga que sonhava com a possibilidade de ficar no vestiário e usar o uniforme, mesmo que não jogasse. O uniforme era bem legal. O da seleção brasileira, quando o Brasil começou a jogar era importado japonês, era lindíssimo, Mizuno e Tiger. Terminava o jogo e ele continuava colado. Não tenho nenhuma roupa dessa época... Quando o Brasil fechou contrato com a Rainha, acabou com o nosso uniforme, terminava o jogo e o uniforme estava todo largo.

M.T. – Como era a rotina de treinamentos da seleção brasileira naquela época?

J.S. – A gente treinava duas vezes por dia. Ah, me lembro que era muito chato. “Não sei como é que podiam rodar um treino tão chato na minha vida”. Tinha uma época que a gente ficou muito tempo concentrado no casarão de Belo Horizonte. Aquilo era deprê. Pensa numa coisa deprê. Era aquilo. Todo mundo entrava numa Kombi e levava um tempão para chegar numa área militar. A gente sempre estava em áreas militares. Não era uma coisa conquistadora, prazerosa. A gente fazia a parte física sem entender o que estava fazendo. Era forçado porque não tinha ninguém explicando. Era necessário que as pessoas se atualizassem. Por exemplo, o voleibol é um esporte que ao mesmo tempo em que ele alonga, ele encurta, te endurece. E não tinha ninguém para te falar sobre isso. Era necessário que o atleta tivesse consciência do seu corpo, do seu equilíbrio. Então, você deixava de fazer coisas que eram importantes para você pensar e melhorar. Não tinha nada disso. A gente era totalmente cobaia. Era um tal de subir arquibancada... Era uma época que quem não tinha joelho forte se ferrou. Eu não tinha problema com joelho, mas tinha um tornozelo muito ruim. Era todo mundo junto para a mesma roubada. Todo mundo trabalhava tudo. Você não tinha um treinamento específico porque o seu joelho estava bichado, era em série.

M.T. – Havia diferenças, em sua opinião, entre o voleibol feminino e o masculino na década de 1980?

J.S. – O tempo inteiro [risos], mas eu falo isso com muita admiração. Claro, eles tinham conquistado, eles iam conquistar. Parecia que seriam os primeiros campeões olímpicos, enfim, eles eram formidáveis. Eu, muitas vezes, bati palmas de pé. Era uma coisa que revolucionou o Brasil. Mas, no pacote era tudo igual: “Compre o masculino e leve o feminino”. Era mais ou menos isso. Nós éramos a parte promocional, a promoção: “Compre um e leve dois. Pague por um time e leve dois, mas só quem recebia eram eles”. Tinham muitas diferenças, por exemplo, nós concentrávamos em São José dos Campos, eles concentravam no Leme. Eles ficavam em hotel, nós ficávamos em alojamentos. Eles recebiam dinheiro, a gente não recebia. É até explicável, já que eles tinham resultados e agente não tinha. Quem tem mais resultado tem que ter um retorno maior. Mas, havia algumas coisas que faziam a gente questionar. Tinha patrocínio na camisa, os mesmo patrocinadores. Então tinha sinais claros que o jogo era bom, que rolava um jogo bom. E por nós sermos muito garotas, nós não conseguíamos falar sobre aquilo, não era uma coisa clara. Além disso, a maioria, fora da situação, falava bem e dentro da situação não falava nada. Isso enfraquecia muito.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de oitenta, em nível nacional e internacional?

J.S. – No exterior era um time que jogava bastante, ia a todos os campeonatos, mas era um time desequilibrado, não tinha equilíbrio emocional. Mas, era um time visto com potencial, com investimento, que estava sendo levado para os lugares. Mas ainda ia acontecer, era o início de alguma coisa. No Brasil, era uma equipe feminina, de um esporte feminino, mas não era um time que as pessoas falavam: “Vai ser campeão”. No final dos anos 1980, aquela coisa ruim já tinha passado. Os times que patrocinavam aquelas meninas já tinham grana. Era uma realidade completamente diferente.

M.T. – O que você acha que a geração de voleibol dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes?

J.S. – Deixou o caminho. Nós viemos cavando no deserto e elas já entraram no deserto, numa situação diferente, com outra mentalidade, com o profissionalismo que muda a cabeça dos atletas. O problema na minha carreira inteira é que eu estou sempre à frente. Você vê, eu ganhei a Olimpíada num momento em que não tinha a grana toda. Eu estou fazendo um trabalho aí que parece ser super legal, mas eu falei: “Pode passar na minha frente, eu não quero ser a pioneira” [risos].

M.T. – Quando você parou de jogar? Em qual clube? Por qual motivo?

J.S. – Ah, não sei. Acho que foi a Atlantictur, mais ou menos em 1987. Parar de jogar definitivamente foi assim: “Tem uma hora que é assim que acontece, você continua com o desejo de continuar jogando, mas você não aguenta mais a rotina”. O jogo é diferente, a emoção é diferente, mas tem uma hora que o rendimento vai caindo. A sua cabeça não consegue manter a mesma motivação de quando você tinha dezesseis anos de idade. Aí você pega um adversário jovem que vai te ganhar de qualquer maneira e você tem que buscar uma motivação que não existe mais. “Não é nem que você jogue melhor do que eu, mas é porque eu já tive isso”. Aí, você começa a fazer esforço além do normal para buscar a motivação, para fazer o corpo aguentar e para fazer time. Quando o atleta se aposenta ele está no auge da sua idade e não no final da idade como em outros empregos. Mas, tem um momento na vida de todo ser humano que ele precisa focar de uma forma diferente para rejuvenescer. Então, se

você não fica atento a esse momento você só vai estar adiando o problema, porque a idade no esporte é uma coisa que pesa muito. Então, eu foquei nas coisas que eu curto, nas minhas escolas, porque eu curto ensinar: “É muito interessante porque hoje eu reinvento a história de ensinar voleibol, que não é ensinar para ser jogador, mas ensinar voleibol para viver a vida”. Isso fez a minha vida. Se hoje eu sou o que eu sou é porque eu vivi toda essa história com o voleibol. Eu não preciso tirar nada da minha personalidade, eu coloco tudo dentro. Então, quando eu faço um trabalho com um grupo de estudantes, por exemplo, poucos vão ser jogadores de voleibol, mas muitos vão continuar a viver. Portanto é legal focar numa coisa que está para além do voleibol. Vai até sair o jogador de voleibol, mas a maioria pode ampliar as suas conquistas para outras coisas importantes da vida. O Evandro, que está na seleção de voleibol de praia, treinou comigo, mas passaram outros trilhões. Então, é melhor focar em cem, do que focar em um.

M.T. – Como foi a transição de quando você decidiu parar de jogar até efetivamente parar?

J.S. – Ah, não lembro não, cara? Já tem oito anos. Não lembro, não. Acho que parei de ir para os torneios. De repente, eu parei de batalhar, porque é uma batalha. Esse voleibol de praia é muito mais difícil. Você tem que ficar em cima de patrocinador, do parceiro, da equipe. Eu desliguei o automático e falei, “não vou mais colocar a minha força nisso, não quero mais, chega”. E eu acho que é assim, com a Giba foi assim, de repente ele falou assim: “Ah, chega”. Você vê que o sentimento é igual para todo mundo, o cara supercampeão... É difícil você dar o braço a torcer porque tem uma hora que você questiona o motivo da sua luta. E o pior é que você já está cheio de dor, você não é mais um jovem atleta. Não que você não tivesse tido dor quando jovem, mas é que quando você é jovem o gás é muito maior, você quer conquistar e esquece a dor. Quando você está mais velho, quando você já conquistou e ainda tem a dor para atrapalhar. Aí não dá!

M.T. – Você sente saudades da época que você jogava?

J.S. – Ah, muita! Era muito mais fácil.

M.T. – E o que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

J.S. – Ah, mudou muita coisa. Eu acho que o mais difícil é sair daquela rotina: “Você acorda, você treina, você come, você dorme, você joga”. Você incorpora e isso é muito legal. Passa a ser você e de repente você não precisa mais acordar cedo, você não precisa mais ter pressa. Você deixa de ter a disciplina e isso é uma roubada. Você tem que criar uma nova rotina e nem sempre é tão eficaz. Eu me dou muito bem com rotina, felizmente. Não sinto falta de viagens. Era muito cansativo, você passa a vida fazendo e desfazendo malas. Mas, ainda assim, quando você para, você fala: “Ih, não vou mais viajar”.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz? Quando você jogava ou depois que parou de jogar?

J.S. – A emoção do jogo... Eu jamais vou conseguir fazer isso acontecer de novo. Às vezes eu durmo e sonho que eu estou jogando e acordo com um sorriso enorme e não tem mais como fazer o sonho se tornar realidade. Mas, me sinto feliz formando outros. É bem interessante. Tem um trabalho social que eu faço que me realiza enormemente. Vou de coração. Um é uma realização pessoal e o outro é a realização da alma, acho que eu vou para o céu. Eu falo: “Que bom que eu tenho essa causa”.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois de ter parado de jogar?

J.S. – Eu trabalho. Tem um projeto chamado Atletas Inteligentes, que eu iniciei em 1998 com o governo do estado, logo depois das Olimpíadas, quando o voleibol estava bombando. Abriram algumas escolas de voleibol pelo Rio de Janeiro, que acontecia em praças, áreas públicas. Foi muito bom, mas eu sempre quis fazer em escolas e os governos nunca aprovaram. Anos se passaram e eu consegui realizar o projeto na praia. Fiz um trabalho bem legal, a UNESCO reconheceu e eu recebi o prêmio O Esporte pela Educação. Esse ano eu consegui colocar o projeto num CIEP, em Duque de Caxias e essa escola se transformou. Eu consegui buscar patrocínio pelas indústrias do entorno desse CIEP, que é a melhor coisa que existe nessa área. O projeto entrou na escola e transformou as aulas de Educação Física que era só rolar bola, futebol, aulas sem imaginação nenhuma. Aí eu introduzi o voleibol, com uniforme, professores que não faltam, não atrasam. O projeto entra com uma mentalidade diferente, com vídeos, reuniões, palestras, mas a base é a educação. Essas crianças nunca jogaram voleibol. No início era só pancada e aos poucos o futebol foi indo para o canto. Hoje todo mundo joga voleibol e você identifica um trabalho de equipe acontecer desde a base.

Essa escola começou a chamar muita atenção por causa disso, o comportamento dos alunos foi mudando dentro da escola, o comportamento dos professores também. Aí, a secretaria trocou o material da escola, que era todo infantil e a escola é de ensino médio. Eu tenho vontade de pegar outra escola, mas ao mesmo tempo eu acho que preciso transformar essa escola num modelo. Mas, apareceu uma escola do lado dessa, cerca de cinco minutos, de ensino fundamental e poderia ser interessante porque já poderíamos formar um circuito, do fundamental até o ensino médio. Sai de uma escola e já entra formado na outra. O mais legal é que é um trabalho de comunidade, porque essas empresas que investem no projeto precisam desses alunos para serem seus futuros empregados. Eles viram nesse projeto uma forma de educar. Aí, dentro do projeto eu escolho os melhores alunos para trabalharem como jovens aprendizes dentro dessas empresas. São atletas que têm iniciativa, que têm coragem, que são colaboradores, que têm boas ideias, que querem fazer, que gostam de trabalhar em grupo. Essas empresas têm obrigação de contratar jovens aprendizes. Então, uma coisa está puxando a outra e esse projeto virou um símbolo. Os alunos querem estar ali dentro. Além disso, eu quero fazer alguma coisa na Olimpíada, mas até agora não rolou nada.

M.T. – O que o voleibol significa para você?

J.S. – Significa a minha forma de viver. Eu não consigo imaginar a minha vida sem o voleibol, sem esse esporte. Ele me dá a base, ele me dá as ideias, ele me faz visualizar as coisas que eu quero. É através dele que eu me movimento que eu conquisto. Eu continuo de certa forma sendo a jogadora que eu fui só que sem ser mais aquela jogadora. Hoje eu jogo de forma diferente, jogo para os outros, jogo com os outros. Talvez dessa forma eu consiga desenvolver o meu trabalho melhor porque quando eu era muito competitiva eu não conseguia ver alguém jogar voleibol e não ser um bom jogador. Eu não conseguia achar aquilo interessante. Eu não conseguia entender alguém praticar o voleibol com outras intenções. E hoje é exatamente isso que eu foco, o meu estilo de vida.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

J.S. – Isso tudo aí, a minha vida. Eu, eu do jeito que eu sou. [risos]

M.T. – Você quer deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou na entrevista?

J.S. – Acho bom isso, a gente contar as histórias porque é muito interessante você reconhecer um passado para você entender o que você é, que parte você teve. Uma coisa completa a outra, acho até mais importante do que você pensar no futuro. Você constrói por etapas. Então, os anos oitenta foram marcantes para o esporte sim, super marcantes. Tenho certeza que os setenta também, de outra forma. Eu não tenho esses dados, apesar de reconhecer que houve jogadoras importantes. Mas não conheço nada que elas fizeram para deixar para as outras que vieram depois, como aconteceu nos anos oitenta. Então, isso tudo é muito importante para a gente saber de onde a gente vem e o que aquilo era, até porque é bom evoluir e não retroceder, porque isso pode acontecer. Eu lembro que no ano passado, no voleibol de praia, a confederação quis ser dona do voleibol de praia e mudou a regra. Os atletas deixaram aquilo acontecer porque eles se esqueceram da história, uma história da qual eu fui a pioneira. Quando eu fui para os Estados Unidos eu ajudei a fundar a primeira associação de jogadores de voleibol profissional, ou seja, os próprios atletas sendo seus próprios dirigentes. O que fez o esporte crescer, todas as medalhas que o Brasil conquistou no voleibol de praia foi dessa maneira. E de repente eles receberam uma migalha, que foi aquilo que eles deram, uma migalha e todos os atletas se esqueceram da história, esqueceram da sua força, esqueceram do seu poder e abriram mão, como se aquilo não tivesse peso nenhum. Então, por isso é muito importante ter a história escrita.

[FINAL DA ENTREVISTA]